

MENINOS E MENINAS: UM ESTUDO SOBRE INICIAÇÃO SEXUAL COM JOVENS DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Juliano Silva Lima¹

Myrna Friederichs Landim²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma proposta metodológica realizada a partir da análise das representações sociais envolvidas na sexualidade de alunos do 8º ano do ensino fundamental sob um enfoque de gênero. A metodologia adotada nesse estudo envolveu procedimentos como leitura de questionário, análise do discurso e interpretação de desenhos, assim como definição de temas de análise. Os dados dessa investigação possibilitaram entender como os diferentes aspectos voltados a iniciação sexual, nos sexo masculino e feminino, podem desencadear distintas formas de sentimentos.

Palavras-chave: Iniciação Sexual, Representações sociais, Ensino Fundamental

ABSTRACT

This study has like objective present methodological proposal carried out from the analysis of social representations involved in the sexuality of students in the 8th grade of elementary school in a gender focus. The methodological approach adopted in this study involved procedures such as reading the questionnaire, discourse analysis and interpretation of drawings, as well as defining themes of analysis. The data from this research made possible to understand how the different aspects related to sexual initiation, the male and female, can trigger different forms of feelings.

Key words: Sexual Initiation, Social representations, Basic teaching

¹ Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Sergipe (2007), especialização em Educação pelo programa de Pós-Graduação em Metodologias no Ensino de Educação Básica pela Universidade Federal de Sergipe (2009) e mestrando pelo programa de Pós-Graduação em Estudos em Recursos Naturais e Agroecossistemas da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: julianobios@yahoo.com.br.

¹ Licenciada e Bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1988) mestrado (1993) em Ecologia pela Universidade de Brasília e doutorado (2003) em Botânica pela Universidade Bremen (Alemanha). Atualmente é professora adjunta do departamento de Biologia – UFS. E-mail: [mlandim@ufs.br](mailto:milandim@ufs.br).

INTRODUÇÃO

A sexualidade na adolescência foi abordada durante muito tempo sob o aspecto apenas biológico e reprodutivo. Hoje, porém não podemos ignorar a importância do componente afetivo, considerando sua influência na formação da identidade e no comportamento dos jovens nas mais diferentes situações que enfrenta no seu cotidiano.

Em meio ao recente interesse sobre a sexualidade, vários são os trabalhos que tentam entender de alguma forma o desenvolvimento da sexualidade e como essa influencia na formação do comportamento sexuais do diferentes gêneros (VITIELLO, 1994 e LOPES et al., 1995). A base desses estudos sobre a sexualidade tem envolvido dois aspectos importantes: (1) a influência biológica e (2) a influência cultural da sexualidade. A primeira se define pela atuação dos hormônios sexuais durante o desenvolvimento do indivíduo e a segunda, pela atuação do meio social na modelagem do comportamento desse indivíduo (GRACIANO, 1978)

Discursos prescritivos de como jovens devam viver suas primeiras relações sexuais e de como devam se relacionar sexualmente não são difíceis de encontrar. No entanto, pouco se sabe sobre como jovens, independente do gênero, planejam essas experiências ao longo de suas vidas. Entre as experiências corporais, emocionais, afetivas e amorosas que ocorrem no processo do desenvolvimento da sexualidade na adolescência, a primeira relação sexual é considerada um marco na vida do ser humano. Mesmo não estando mais relacionada apenas ao matrimônio ou à reprodução, a primeira experiência sexual permanece ainda como uma fase de transição da adolescência a vida adulta (RIETH, 1998; ALTMANN, 2007).

Dentre os acontecimentos da vida do indivíduo, a iniciação sexual é destacada como um rito de passagem muito importante, envolvendo distintos caminhos entre a infância e a adolescência. Em tal caminho se dá a afirmação da virilidade, modelagens sobre feminilidade e a busca por autonomia, o que no senso comum se traduz com o “tomar-se homem” e o “fazer-se mulher”, perpassando, portanto, sentidos identitários diversos, como o que se entende por masculino e feminino e as realizações das trocas afetivas (CASTRO et al., 2004).

Em se tratando de jovens, a iniciação sexual, é socialmente percebida como uma fase de transformações, cujos contornos ainda não estão claramente definidos. Para os adolescentes iniciar sexualmente, além de envolver sentimento de desejo e prazer, envolve questões de mudança de comportamento, já que ao se iniciar sexualmente, passam a ser considerados, pelo menos nesse aspecto, como adultos. O jovem, deste modo, vive a ambigüidade de ser,

então, sexualmente adulto e em situação de dependência nas dimensões econômicas e familiares (CASTRO, 2002).

A revolução de costumes iniciada no final da década de 50, o abuso da sensualidade nos meios de comunicação, o desenvolvimento pubertário cada vez mais precoce, a elevação da média etária para o casamento e a falta de mercado de trabalho, são alguns dos fatores que têm contribuído para o aumento da inicialização precoce das relações sexuais entre adolescentes, sendo difícil avaliar em cada caso a importância relativa de cada um deles (TAQUETTE, 1991).

A literatura tem frequentemente mostrado diferenças na iniciação sexual dos jovens entre homens e mulheres. As explicações acerca dessas diferenças estão no fato de que, as normas e expectativas sociais em relação à idade e às circunstâncias adequadas para as primeiras práticas sexuais variam conforme o gênero (MONTEIRO, 1999).

Neste sentido, as questões de gênero têm se mostrado fundamentais na condução das escolhas reprodutivas de adolescentes. O conceito de “gênero” é entendido neste trabalho, como uma construção social que uma dada cultura estabelece ou elege em relação a homens e mulheres onde, por meio dos sistemas educacionais os indivíduos são treinados e moldados a refletir a ideologia sexual dominante da sociedade, como também, a produzir ativamente uma cadeia de individualidade, desejo, masculinidade e feminilidade (SCOTT, 1995)

Dessa maneira, a ênfase dada neste trabalho, pelo conceito de gênero à construção social das diferenças sexuais não se propõe a desprezar as diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres, mas considera que, com base nesta influência biológica, outras características são construídas historicamente e culturalmente nas diferentes sociedades.

Deste mesmo modo, observa-se que alguns estudos relacionados com a primeira relação sexual têm evidenciado valores diferenciados socialmente e culturalmente entre os diferentes sexos. Segundo Rieth (1998) a iniciação sexual se coloca como um espaço privilegiado para a discussão de gênero, uma vez que permitir entender alguns significados diferentes quanto ao tornar-se homem e o tornar-se mulher.

Entretanto, deve-se ressaltar que os estudos ao focalizar a primeira experiência sexual deveriam necessariamente, distinguir suas análises, baseadas em dados quantitativos ou em discursos, entre homens e mulheres, para que assim sejam minimamente contemplados a complexidade desse fenômeno e os desafios colocados para sua adequada investigação (FELIPE et al., 2004).

Dentro desse contexto, o presente trabalho objetivou compreender as representações sociais, de alunos da 8º ano do ensino fundamental em relação à Sexualidade e a Iniciação

Sexual sob o enfoque do gênero. Vislumbrando com este estudo, fomentar subsídios para futuros trabalhos com adolescente, uma vez que se trata do grupo social onde normalmente se inicia a vida sexual.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esse trabalho foi desenvolvido no Colégio Estadual “Prof. Artur Fortes”, localizado no centro urbano do município de Carira na região do semi-árido do estado de Sergipe, iniciado no mês de Julho de 2008 até o mês de Dezembro do mesmo ano, especificamente, nas oficinas realizadas junto ao Projeto Saúde e Prevenção na Escola, desenvolvido pelo Ministério da Saúde junto com a UNESCO e, em Sergipe, com a parceria da Secretaria Estadual da Saúde de Sergipe.

A coleta de dados, desse estudo, foi realizada com alunos de duas turmas do 8º ano do ensino fundamental, dos períodos matutino e vespertino, mediante proposta da pesquisa-ação (BARBIER, 2002). Optou-se nesse estudo, pelos alunos do 8º ano devido a dois motivos principais. Primeiro, porque é nessa série que os alunos costumam ter um contato mais íntimo com os assuntos referente à anatomia e fisiologia humana e segundo, por causa da idade média dos alunos nessa série, por volta de 12-17 anos, idade média onde os jovens costumam iniciar a vida sexual.

Para a execução desse trabalho, foram delimitadas três etapas: (1) Diagnóstico inicial, (2) Oficinas de Intervenção e (3) Avaliação. Em função de um conjunto de razões sobre o procedimento para a efetivação da pesquisa-ação foi escolhida a Iniciação Sexual e outros temas correlatos a sexualidade, como temas geradores das discussões e das tomadas de ações, proposta por esse trabalho.

O diagnóstico inicial, proposto por esse estudo, foi realizado a partir da aplicação de um questionário escrito com 16 questões subjetivas. Que tiveram como objetivo tecer um panorama geral, voltadas à vida sexual desses adolescentes. Esse diagnóstico serviu de base na construção de algumas atividades que foram posteriormente desenvolvidas nas oficinas de intervenção.

Nessas oficinas, os alunos puderam discutir sobre diversos temas voltados a sexualidade, em especial aqueles voltados à iniciação sexual e as diferenças e semelhança entre gêneros. Junto às essas ponderações, foi realizada durante o desenvolvimento das oficinas, uma pesquisa etnográfica, usando como método a análise do discurso, onde se pretendeu identificar alguns valores elencados e defendidos pelos alunos sobre as diferentes temáticas discutidas (ANDRÉ, 1995).

Após o desenvolvimento das oficinas, foram realizadas algumas avaliações de ordem exploratória, usando técnicas de representações mentais, onde foi possível observar diferentes padrões de representações sociais sob o recorte de gênero, mediante a análise de desenhos do público alvo pesquisados.

A análise dos dados foi realizada de forma quali-quantitativa, seguindo a proposta metodológica indicada por Minayo (2006), envolvendo procedimentos como leitura de questionário, análise de desenhos, definição de temas de análise e categorização de respostas às questões propostas.

RESULTADOS e DISCUSSÃO

a) Caracterização do público alvo

Para o desenvolvimento desse estudo, foram entrevistados 92 alunos entre 12 e 17 anos, dos quais 52% do sexo masculino e 48% do sexo feminino. Dos alunos entrevistados cerca de 26% afirmaram já ter tido algum tipo de relação sexual. Desse percentual, 17 são do sexo masculino e sete do sexo feminino. Do grupo dos alunos que já iniciaram a vida sexual a idade média dos meninos é de 15 anos e das meninas 16 anos.

Como já demonstrado em outros estudos (LIMA, 2007; CASTRO, 2002), os homens tendem iniciar a vida sexual antes que as mulheres. Uma das causas para esse fenômeno deve-se a uma forte tendência a cobrança de uma atividade sexual mais precoce e intensa por parte do sexo masculino e uma grande valorização da virgindade por parte das jovens.

Isso se deve ao fato que para o homem, a perda da virgindade está associada diretamente ao desejo, a virilidade masculina e prova do pleno funcionamento do seu aparelho reprodutor. Já para as meninas a iniciação sexual perpassa por outras questões, associada principalmente a valores morais e sentimentais.

Segundo Suplicy (1987), não existe idade certa para o início da vida sexual. Do ponto de vista físico, a partir da puberdade os homens já podem iniciar a vida sexual, já para as mulheres, a atividade sexual não é aconselhável antes dos 16 anos, devido ao não amadurecimento total do sistema endócrino, o que torna desaconselhável o uso de métodos contraceptivos hormonais, antes dessa idade. Entretanto, Costa (1994), refere-se como um fato normal os adolescentes iniciarem a vida sexual entre 13 e 15 anos de idade, contanto que bem informados e bem protegidos, evitando dessa forma uma série de problemas como gravidez precoce, aborto, doenças sexualmente transmissíveis, além de alterações emocionais.

b) Temas de maior interesse entre os jovens

Quando questionados sobre a preferência de alguns assuntos de interesses para serem tratados nos espaços de Educação Sexual na escola, observou-se que os alunos de maneira geral têm interesses por temas semelhantes. Entretanto se analisarmos a preferência desses temas entre os meninos e as meninas separadamente, observar-se que há uma pequena diferença entre os assuntos de interesses para cada gênero (Fig. 01).

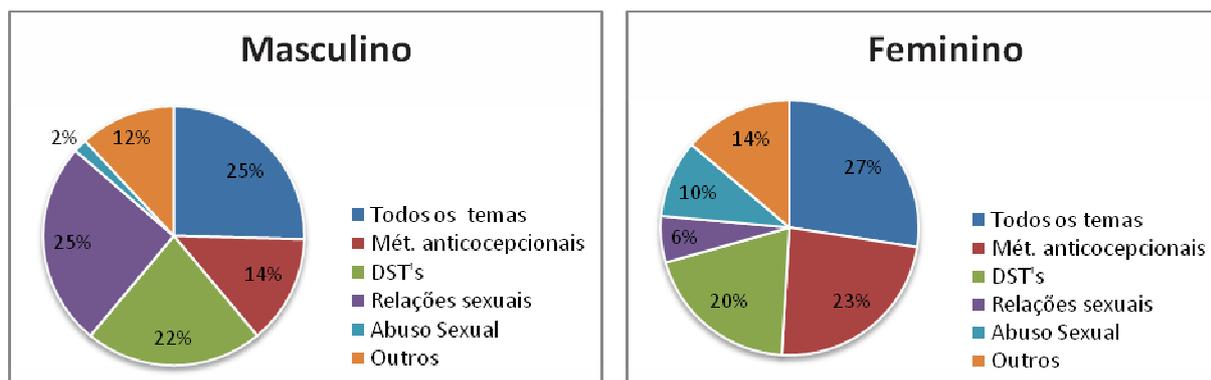


Figura 01 – Distribuição percentual dos interesses dos alunos referentes às aulas de Educação Sexual (N: 92), sendo masculino (N: 48) e feminino (N: 44).

Entre os meninos, observou-se que os maiores interesses estão voltados aos temas relacionado respectivamente as relações sexuais (25%) e as diferentes formas de contágio das DST's (22%). Entre as meninas, no entanto, os temas de maior interesse estão voltados primeiramente ao uso dos métodos anticoncepcionais (23%), logo após, o interesse sobre os tratamentos voltados a cura de algumas DST's (20%). Temas como masturbação, menstruação, orientação sexual e abuso sexual foram também citadas, porém com um menor percentual cada um.

Dentre as citações registradas pelos meninos, o interesse desse grupo perpassa principalmente, para temas que enfatize dicas e conselhos de como melhorar o desempenho no ato sexual, assim como o esclarecimento sobre as melhores posições sexuais para satisfazer suas parceiras.

“Nas aulas de Educação Sexual, gostaria de saber mais sobre as posição que as mulheres mais gostam. Quero saber para depois fazer com as nêgas.” (Aluno do CEPAP, 15 anos).

“Gostaria de saber tudo que se deve aprender sobre o sexo para depois não fazer feio [brochar] e fazer coisas erradas.” (Aluno do CEPAP, 13 anos).

Entretanto para as meninas, esse tema tem pouca relevância (6%), já que o ato sexual propriamente dito é imbuído por representações mentais cheia de conflitos, que remetem nesse grupo a idéia correlata entre a primeira relação sexual com sentimentos de medo e dor.

“Na hora que faz sexo dói muito?” (Aluna do CEPAP, 12 anos).

“Porque temos que fazer sexo?” (Aluna do CEPAP, 13 anos).

“Se sexo é uma coisa boa, porque então sai sangue?” (Aluna do CEPAP, 13 anos).

Isso pode ser facilmente compreendido, já que nas representações mentais coletivas, é papel do sexo masculino guiar todo processo da relação sexual. Cabe ao homem, neste caso, toda responsabilidade referente aos estímulos de prazer da mulher. Enquanto ao sexo feminino, compete apenas ser um mero instrumento que deve ser guiada pelo parceiro durante o ato sexual. Essa observação pode ser facilmente explicada, através do processo educativo diferenciado que ocorre entre homens e mulheres tanto em casa quanto pelo resto da sociedade.

Para os meninos, por exemplo, a exibição da manifestação sexual desde a infância é incitada a todo o momento, principalmente pelo pai, que ver nesses estímulos, um símbolo de masculinidade e virilidade do seu filho. Como consequência a todo esse incentivo na infância, os homens, na fase de adolescência, começam a ser pressionados para ter um desempenho extraordinário na hora de fazer sexo. Já as meninas são “podadas” e reprimidas, cada vez que manifestam sua sexualidade (HEILBORN et al. 2006). A proibição dos estímulos sexuais femininos é implicitamente uma tentativa que os pais fazem para controlar desde cedo o afloramento sexual de sua filha.

“O homem pode transar várias vezes por dia, com várias mulheres e o que faz o homem brochar na hora lá do sexo.” (Aluno do CEPAP, 16 anos).

“Ter vontade de fazer sexo, novinha é certo ou errado.” (Aluna do CEPAP, 14 anos).

Como se pode perceber, a idéia que homens e mulheres têm sobre sexo na adolescência é bem diferente. Enquanto que para os meninos o maior medo está inserido na preocupação e desejo de ter um ótimo desempenho sexual, de preferência com várias parceiras. Para as meninas, o desejo sexual, e a própria sexualidade é vista como algo errado, feio e sujo. Claro que essas idéias não são apenas responsabilidade da família, essas representações mentais são, no entanto, uma herança histórica e educativa das sociedades machistas e das religiões cristãs que, através da “moral” e dos “bons costumes” disseminam na sociedade a idéia da virilidade masculina e da pureza feminina, o que por consequência acabam por superestimarem a sexualidade do homem enquanto dilaceram os desejos sexuais femininos (BORDO, 1997).

Outro item ressaltado, nesse quesito, refere à preferência temática das meninas quanto ao uso dos métodos anticoncepcionais (Fig.01). Esse grande interesse das alunas se deve ao fato que as mulheres são as vítimas diretas da gravidez precoce, isso porque uma vez grávidas abrem mão de sua vida para cuidar do bebê. Por isso a preocupação das mesmas em se

informar mais sobre os métodos anticonceptivos no intuito de evitar uma gravidez indesejada.

“A pessoa transar menstruada, pode pegar filho se for de menor.” (Aluna do CEPAF, 15 anos).

“Se a mulher tomar o comprimido antes da relação sexual, ela pode engravidar” (Aluno do CEPAF, 16 anos).

No item referente às doenças sexualmente transmissíveis, não foi observada nenhuma diferença significativa entre os meninos e as meninas. Isso deve provavelmente está atribuída ao fato que entender mais sobre as DST's é uma preocupação para os jovens sejam eles do sexo masculino ou feminino, já que o seu contágio independe do gênero. Porém deve-se ter em mente a preocupação principalmente das mulheres diante essa temática, visto que a escolha da prevenção durante as relações sexuais está mais voltada à mulher. Segundo Castro (2004) isso acontece porque a negociação do uso do preservativo masculino esbarra em padrões sociais pautados em relações de gênero, vulnerabilizando particularmente as mulheres, muitas vezes com sua cumplicidade.

c) Estímulos para o início da vida sexual

Outra análise feita nesse trabalho, referiu-se a discussão sobre os principais motivos que levam os jovens a iniciar a vida sexual precocemente. Nesse quesito os dados foram organizados em planilhas e submetidos à estatística descritiva, conforme os objetivos da pesquisa (Quadro 01 e Quadro 02).

Quadro 01 – Distribuição das freqüências e porcentagens das citações elencados pelos alunos, sobre os principais motivos que levam os meninos a ter ou não a primeira relação sexual.

Motivos que levam a ter...	Fr	%	Motivos que levam a evitar...	Fr	%
Excitação pelos hormônios	15	31	Medo de contrair alguma doença	18	38
Para não ser gozado pelos amigos	11	23	Medo de engravidar alguém	11	23
Curiosidade	10	21	Ter que casar obrigado	9	19
Filmes e revistas pornôs	5	11	Falta de experiência	3	6
Falta de orientação dos pais e na escola	4	8	Respeitar a namorada	2	4
Não indicaram	3	6	Não indicaram	5	10
Total de ocorrência	48	100	Total de ocorrência	48	100

A análise dos discursos, sobre as principais razões que levavam os jovens a ter ou a não ter sua primeira relação sexual, evidenciou aspectos interligados e ao mesmo tempo contraditórios na concepção do feminino e masculino, presentes no processo da iniciação sexual dos adolescentes pesquisados. Os meninos, por exemplo, atribuíram o forte desejo e a excitação diante ao afloramento dos hormônios na adolescência, como fator preponderante para a iniciação sexual dos homens (31%). Já para as meninas, o que influencia uma jovem a

iniciar precocemente a sua vida sexual, é sem dúvida a falta de orientação dada pelos pais e pela a escola durante as primeiras fases da vida (30%).

Como pode ser observada no Quadro 01, além do fator hormonal, a posição dos meninos *virgens* diante os colegas que já tiveram algum tipo de relação sexual é outro fator que interfere na iniciação sexual dos meninos. Isso pode ser entendido porque os meninos são mais precocemente cobrados para iniciar sua vida sexual, pelos pais e grupos de amigos como uma prova de masculinidade.

Outro fator decisivo na iniciação sexual dos meninos é o fácil acesso ao conteúdo pornográfico, sejam na forma de filmes e revistas, ou nas casas especializadas. Todos esses estímulos sexuais diante ao sexo masculino forçam aos homens serem mais desinibidos e não se preocupam tanto com as conseqüências quanto as meninas.

Dentre os principais medos apresentados pelos meninos, a possibilidade de contrair uma doença foi considerada o pior deles (38%). O medo de contrair alguma DST mostra-se diretamente ligado a interrupção da atividade sexual e conseqüentemente a perda de sua masculinidade, sendo mencionados, além do medo de contágio com o HIV, os sentimentos de culpa, raiva, vergonha, rejeição e negação gerados pela doença. Outro motivo apontado para evitar ter iniciação sexual, está ligado ao medo de engravidar sua parceira e conseqüentemente ser obrigado a designar novas responsabilidades (AMARAL et al. 2006).

Porém quando analisamos os discursos das meninas, quanto à iniciação da vida sexual, observa-se que além da falta de orientação sexual durante a adolescência, outros fatores como a satisfação sexual do namorado e a influência das colegas que já iniciaram a vida sexual, são outros motivos que levam as meninas a iniciarem a vida sexual.

Quadro 02 – Distribuição das freqüências e porcentagens das citações elencadas pelas alunas, sobre os principais motivos que levam as meninas a ter ou não a primeira relação sexual.

Motivos que levam a ter...	Fr	%	Motivos que levam a evitar...	Fr	%
Falta de orientação dos pais e na escola	13	30	Medo de engravidar	11	25
Para satisfazer o namorado	11	25	Medo de contrair alguma doença	10	23
Influências das colegas que já transaram	10	23	Medo de perder o valor (expulsas)	10	23
Curiosidade	3	7	Falta de experiência	3	7
Falta de dinheiro	2	4	Abuso sexual na infância	2	4
Não indicaram	5	11	Não indicaram	8	18
Total de ocorrência	44	100	Total de ocorrência	44	100

Porém mesmo com todos esses aspectos que levam as meninas a iniciar a vida sexual, outros aspectos dificultam esse processo. Isso porque as meninas são mais controladas pela família do que os homens, e apresentam muitos temores em relação à gravidez, assim como recebem os comentários gerados e a responsabilização pela relação sexual.

Dentre os medos apresentados pelas meninas, a possibilidade de engravidar foi o principal motivo citado, seguido o medo de contrair alguma doença e o medo de perder o valor enquanto mulher e ser conseqüentemente expulsas de casas. Outro motivo citado, inclui o medo de decepcionar o parceiro, da camisinha estourar no momento da relação e o de ser desprezada pelo namorado. Segundo Amaral et al. (2006) esses medos refletem situações concretas vividas pelas adolescentes, como a instabilidade nos relacionamentos afetivos e a necessidade submissa de sempre agradar ao parceiro.

Outro aspecto evidenciado no discurso das adolescentes que reforça essas diferenças entre meninos e meninas refere-se aos sentimentos e expectativas envolvidos na iniciação sexual. Para as adolescentes, as manifestações de amor e carinho são requisitos indispensáveis na decisão de iniciar um relacionamento sexual, além da reciprocidade. Já para os meninos as expectativas giram em torno de ter relação com várias meninas, como forma de satisfazer seu desejo (CASTRO, 2004). Neste sentido, os sentimentos e as expectativas femininas, centrados no desejo e no prazer, contrastam com a descrição do comportamento dos adolescentes do sexo masculino, com quem elas convivem.

Outro marco da diferenciação entre os gêneros quanto à iniciação sexual, refere-se a virgindade feminina. Isso porque, a virgindade feminina vem sendo re-significada frente a novos discursos, mas permanece uma referência que norteia comportamentos e delimita atitudes.

Ainda que alguns estudos confirmem que os jovens vêm iniciando a vida sexual muito mais cedo, nota-se que ainda existe diferentes percepções quanto à virgindade entre as meninas e os meninos, o que pode ser justificado pela construção social/cultural da masculinidade, numa sociedade que adota a iniciação da atividade sexual como um dispositivo de controle. Nesse sentido, os valores impostos pela família e a pressão social acabam por influenciar o comportamento e as atitudes dos jovens.

d) Análise das representações mentais sobre sexualidade

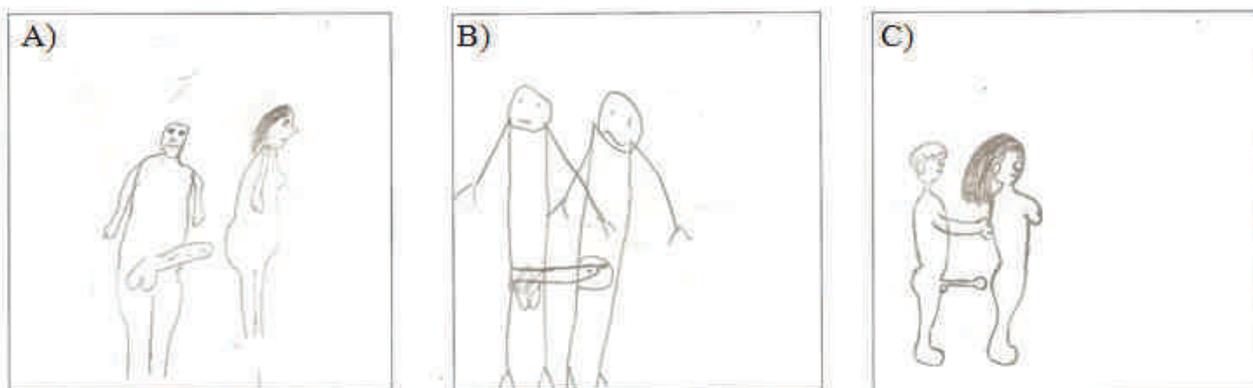
Após o desenvolvimento das oficinas de trabalho, foi aplicada aos alunos uma última metodologia que visava: (1) avaliar as atividades desenvolvidas durante todo o processo de intervenção e (2) entender através do processo cognitivo (desenho), qual era a representação mental que esses alunos possuíam sobre as questões referentes à sexualidade.

Através dessas representações puderam ser observados alguns padrões pictóricos entre os diferentes gêneros. Nos desenhos ilustrados pelos meninos, houve um predomínio de figuras relacionadas ao prazer sexual, a ereção peniana, e a valoração do desempenho sexual.

Entretanto, para as meninas, as ilustrações demonstraram um forte apego com as questões sentimentais, em especial a idéia do namoro. Houve também nesse último grupo, representações de estruturas genitais, porém sem os seus respectivos corpos, como também, a representação de figuras femininas em estágio de gravidez.

Nestes desenhos, observa-se, de maneira geral, que a sexualidade é um componente fundamental na formação individual e nas relações afetivo-sexuais desses indivíduos. Diferentes aspectos relacionados à intimidade, afetividade e prazer são preponderantes para diferenciar o comportamento entre os gêneros. De modo geral, as diferentes relações pautadas sobre essas variáveis são indispensáveis para o entendimento do comportamento de homens e mulheres durante toda a vida, desde a concepção até a morte (CUNHA, 2008).

Nestas representações, e nas outras tantas realizadas por esse grupo de jovens, fica claro que existem alguns indicadores que demonstram como as formulações visuais são moduladas pela cultura visual, pelos valores coletivos e pelos marcadores de gênero. Representados de diferentes maneiras, como por exemplo: idéia de movimento, ereção e virilidade ligada ao sexo masculino e a idéia de sentimento, timidez, gravidez relacionada às figuras femininas.



Desenho de aluno, 16 anos, 8º ano

Desenho de aluno, 13 anos, 8º ano

Desenho de aluno, 15 anos, 8º ano

Nos desenhos *A*, *B* e *C*, por exemplo, onde são representadas figuras masculinas e femininas no momento do ato sexual, se tem a idéia clara dos marcadores de gênero referidos anteriormente. Observa-se nessas representações, a idéia de movimento, prazer, e dominação da figura masculina em relação à feminina. Dentre esses indicadores, nota-se na figuras masculinas, com expressivos traços de prazer (figuras sorrindo ou concentradas) e nas figuras femininas, observa-se a traços de dor e medo. Nota-se também que nos desenhos, a figura masculina sempre está na posição dorsal ao sexo oposto, o que remete, neste caso, a idéia de dominação e animalidade, sentimento vinculado diretamente a virilidade masculina.

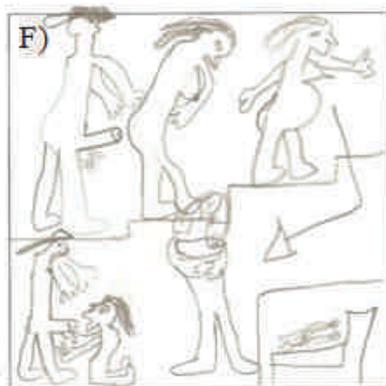
Outro ponto em destaque, nesses desenhos, é a relação do tamanho pênis que é desproporcional a todo resto do corpo, em especial ao tamanho da cabeça. Isso pode ser

explicado por dois fatores: primeiro, a idéia da masculinidade está diretamente relacionada ao tamanho do pênis e segundo, os estímulos emocionais e sexuais (pênis) são mais intensos do que os estímulos racionais (cabeça) nessa fase da vida.

Em outras representações observam-se nitidamente outros marcadores de gênero. Nos desenhos *D*, *F* e *G*, observa-se, por exemplo, a preocupação dos meninos quanto à gravidez de suas parceiras, como consequência ao relacionamento sexual sem prevenção nesta fase da vida. Observa-se que em todas as representações masculinas, não existe a preocupação quanto ao uso do preservativo, principalmente na imagem *D*, onde se destaca a ejaculação e conseqüentemente o desenvolvimento do feto.



Desenho de aluno, 12 anos, 8º ano



Desenho de aluno, 14 anos, 8º ano

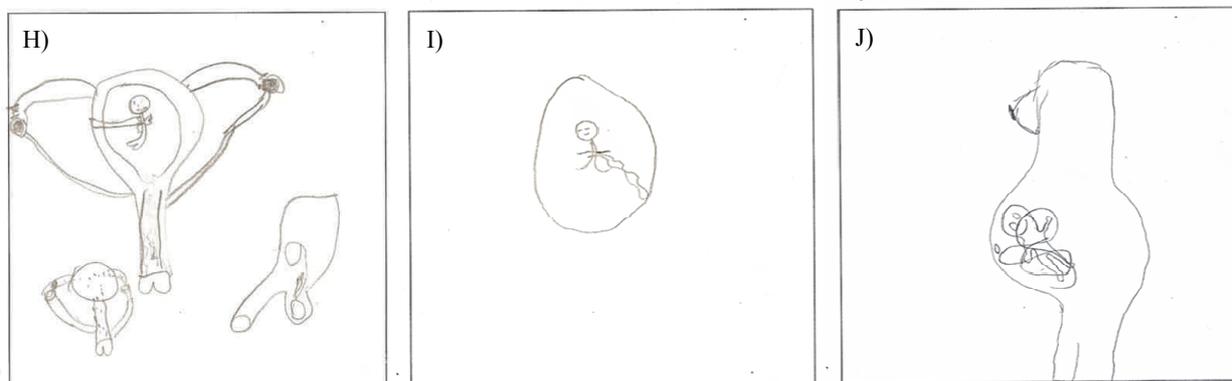


Desenho de aluno, 14 anos, 8º ano

Nota-se também nas ilustrações *D* e *F* o afastamento da figura masculina quanto ao cuidado parental. Nessas representações fica claro a idéia da figura feminina como responsável pela criação do filho, porém havendo algumas exceções onde o cuidado é destinado a uma terceira pessoa da família “desenho *D*”, normalmente a mãe de um dos adolescentes. Outro ponto, de destaque nas representações dos meninos, foi à preocupação em destacar o desempenho sexual da figura masculina diante o sexo oposto, ao ilustrar todo o processo durante a relação sexual, enfatizando principalmente as variações de posições sexuais, como forma de demonstrar experiência sobre o assunto. Entretanto essas representações não são necessariamente uma prova da iniciação sexual desses jovens, mas uma amostra do conteúdo erótico acessado na internet, nos filmes e nas revistas pornográficas, que para os meninos são de fácil acesso mesmo sendo menores de idade.

Já em relação às representações femininas, observam-se outros aspectos importantes, que os diferenciam do sexo masculino. Dentre esses aspectos, observa-se a não identificação das figuras representadas pelas meninas, como por exemplo, nas figuras *H*, *I* e *J*. Na maioria dos desenhos ilustrados, não existe a cabeça e em algumas vezes nem o próprio corpo dos personagens são representados. Isso acontece já que no cognitivo dessas meninas, as

ilustrações reproduzidas no papel assemelham-se muito ao seu cotidiano. Desse modo a identificação desses personagens representaria a existência da sua própria sexualidade e desejo. O que para o sexo feminino, como já foi discutido anteriormente é visto como algo feio e sujo, bem diferente dos meninos que fazem questão de identificar de alguma forma seus personagens como forma de afirmação de sua própria sexualidade.



Desenho de aluna, 12 anos, 8º ano

Desenho de aluna, 13anos, 8º ano

Desenho de aluna, 12 anos, 8º ano

Outro aspecto importante ilustrado nas representações *H*, *I* e *J*, mostram figuras femininas grávidas, ou parte do aparelho genital feminino no período fértil. Essas representações retomam mais uma vez, a discussão sobre de que modo os aspectos cognitivos refletem a realidade vigente de quem as desenharam. Nesse caso, observa-se uma associação feita por essas jovens, entre o processo de iniciação sexual e como consequência uma gravidez, muitas vezes não desejada. Essa associação está diretamente relacionada às experiências vividas pelas mesmas, que percebem no seu entorno, amigas grávidas precocemente ou representantes da própria família que não se previnem quanto a esse assunto.

Outro ponto interessante a ser ressaltado, sobre as representações do sexo feminino. Despontam sobre a preocupação quanto aos aspectos afetivos, como por exemplo, os desenhos *L*, *M* e *N*, que relaciona a atividade sexual diretamente com o namoro, o diálogo e a confiança. Nesses desenhos, observam-se a ausência de uma orientação emancipatória do corpo e da sexualidade, principalmente na fase da adolescência em que as mulheres se encontram, marcada por mudanças e transformações de ordem social, psicológica e biológica.

Nota-se partir dessas representações, portanto, uma diferença entre o gênero analisados. Sendo necessário um olhar cuidadoso para preparar esses estudantes no lidar com sua sexualidade e com seu corpo. Ao conhecer tais representações, identifica-se, conjuntamente, as diferentes posições assumidas por esses adolescentes em relação à iniciação sexual, aos saberes comuns que pertencem esse grupo social e, ainda, como esses saberes são construídos durante todas as fases da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTMANN, H. Educação sexual e primeira relação sexual: entre expectativas e prescrições. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v.15, n.2, 2007.
- AMARAL, M. A.; FONSECA, R. M. G. S. Entre o desejo e o medo: as representações sociais das adolescentes acerca da iniciação sexual. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. São Paulo, v. 40, p. 469-476, 2006.
- ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.
- BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Brasília: Plano, 2002
- BERALDO, F. N. M.; OLIVEIRA, K. L.; CAPITÃO, C.G. **Indicadores sexuais no desenho da figura humana e abuso sexual**. Avaliação Psicológica, v. 5, p. 67-76, 2006.
- BORDO, S. R. O corpo e a reprodução da feminilidade: Uma apropriação feminista de Foucault. In: JACAR, A.; BORDO, S. R. **Gênero, corpo e conhecimento**. Trad. Britta Lemos de Freitas. Rio de Janeiro: Record e Roda dos Tempos, Coleção Gênero, v. 1, p. 19-41, 1997.
- CASTRO, M.G. Violências, Juventudes e Educação: notas sobre o estado do conhecimento. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, v.9, n.1, p.5-28, jan./jun., 2002.
- CASTRO, M.G.; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L. B. **Juventudes e Sexualidade**. Brasília: UNESCO, 2004.
- COSTA, R. P. **Os onze sexos: as múltiplas faces da sexualidade humana**. 3. ed. São Paulo: Gente, 1994.
- CUNHA, S. R. V. Desenhos de meninos e meninas: relações entre imaginário e gênero. In: **Fazendo Gênero: Corpo, violência e Poder**. Florianópolis : Editora da UFSC, 2008.
- FELIPE, J. ;GUIZZO, B. Entre batons, esmaltes e fantasias. In: MEYER, D.; SOARES, R. (Org.) **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004, p.33.
- GRACIANO, M. Aquisição de papéis sexuais na infância. In: **Revistas Cadernos de Pesquisa**, n.25. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1978.
- HEILBORN, M. L.; AQUINO, E. M. L. de; KNAUTH, D. R.; BOZON, M. (Org.) **O aprendizado da sexualidade: Reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: GARAMOND/ FIOCRUZ, 2006.
- LIMA, J.S. **A Educação Sexual no Ensino Fundamental como Instrumento para a formação do indivíduo**. Monografia. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2007
- LOPES, G; MAIA, M. **Sexualidade e envelhecimento: envelhecendo com sexo**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 1995.

MINAYO, M. C. S. Técnicas de análise do material qualitativo. In: MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 9. ed. Revista e aprimorada. São Paulo: Hucitec, 2006.

MONTEIRO, S. Gênero, sexualidade e juventude numa favela carioca. In: HEILBORN, M. L. (org). **Sexualidade. O olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999

RIETH, F. Ficar e namorar. In: BRUSCHINI, C; HOLLANDA, H.B. (Orgs). **Horizontes plurais - novos estudos de gênero no Brasil**. São Paulo: FCC, Ed.34, p, 111-133, 1998.

SCOTT, J. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**: Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SUPLICY, Marta. **Conversando sobre sexo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

TAQUETTE, S. R. **Sexo na gravidez na adolescência. Estudo de antecedentes biopsicosociais**. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, 1991.

VITIELLO, N. O exercício da sexualidade por adolescentes. In: VITIELLO, N. **Reprodução e sexualidade: um manual para adolescentes**. São Paulo: CEICH, Cap. 10, p.147-154, 1994.